

EMANCIPAÇÃO INFORMACIONAL: O fazer do bibliotecário e o conceito freireano de autonomia¹

INFORMATIONAL EMANCIPATION: The librarian's practice and the Freire's concept of autonomy

Giuseppe Celebrone Lourenço

“Um diálogo não pode existir, entretanto, na ausência de um amor profundo pelo mundo e pelas pessoas...
Porque o amor é um ato de coragem, não de medo, amor é compromisso com os outros”.
Paulo Freire.

Resumo: Artigo escrito na conclusão do curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Escrito com intuito de entrelaçar a área da Biblioteconomia com a Educação tendo como foco a apresentação do termo “emancipação informacional”. O Artigo tem como objetivo ser como um manifesto de incentivo e vislumbres aos bibliotecários navegarem nas águas da era da informação. Com base da teoria Freireana em conjunto com a filosofia de Ortega y Gasset, pontos de intersecção são apresentados e levantados para reflexão do caminhar profissional do bibliotecário como um Emancipador Informacional.

Palavras-chave: Educação, Autonomia, Bibliotecário, Paulo Freire. Emancipação Informacional.

Abstract: Article written at the conclusion of the Library Science course by the Federal University of Santa Catarina. Written with the intention of intertwining the area of Library Science with Education with the presentation of the term “informational emancipation” as its focus. The Article aims to be as a manifesto of encouragement and glimpses to librarians to navigate the waters of the information age. Based on Freirean theory in conjunction with the philosophy of Ortega y Gasset, points of intersection are presented and raised for reflection on the professional walk of the librarian as an Informational Emancipator.

Keywords: Education, Autonomy, Librarian, Paulo Freire. Informational emancipation.

¹ Artigo relativo ao Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Orientador Rodrigo de Sales.

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTO

Estamos vivendo a chamada “Era da Informação”, momento histórico em que a produção informacional nas sociedades cresce de forma exponencial (CASTELLS, 1999). Nesse contexto, a busca por conhecimento se torna uma tarefa complexa, na medida em que nos tornamos “navegantes” em um vasto espaço de infinitas informações. Neste ensejo, Milanesi (2002), referindo-se a um estudo realizado no ano 2000, afirma que já estamos distantes

[...] não no tempo, mas no desenvolvimento tecnológico – o mundo produziu cerca de três exabytes de novas informações. Um exabyte equivale a um quintilhão de bytes. Se esse volume de informação fosse dividido pelo número total de habitantes do planeta cada pessoa teria direito à posse do conteúdo de, aproximadamente, 500 livros. Isso significa que nesses últimos anos foram criadas mais informações do que em toda história (MILANESI, 2002, p. 08).

O bibliotecário do século XXI, profissional que superou paradigmas como o de “guardião dos livros” e “detentor das informações”, que teve de se adaptar às tecnologias surgidas na virada do século, agora busca assimilar o desafio da grande explosão informacional dos anos 2000. Tem por missão ser um agente no processo que transforma as antigas práticas de guardião de livros e de detentor da informação, atuando agora como uma espécie de “bússola” que aponta para o norte das informações, uma “ponte” informacional entre os navegantes usuários e suas infinitas possibilidades e necessidades de informação. Em outras palavras, uma “ponte” que ajuda na travessia desse vasto espaço informacional, proporcionando as ferramentas necessárias para que nosso ‘viajante’ possa sempre chegar ao seu destino por si próprio, com autonomia.

Milanesi (2002) nos chama a atenção para o fato de que se existisse alguma mutação fundamental para acompanhar o tempo, o bibliotecário seria uma espécie de tradutor do saber (universo das informações organizadas) para a vida (mundo das pessoas e suas circunstâncias), um tradutor, uma ponte tocante à informação, ao conhecimento, à necessidade informacional para a autonomia, à conscientização do usuário e sua construção do conhecimento para atuação social.

O autor continua e elenca três pontos que transformaram o fazer do bibliotecário no que se referem aos novos suportes informacionais (MILANESI, 2002): multiplicidade de suporte, informação como serviço para um determinado público e criação da demanda informacional. Tais pontos seriam fatores de mudança no papel do perfil do profissional bibliotecário. Nossa abordagem está focada no terceiro ponto, relativo ao desenvolvimento da consciência no indivíduo de sua própria necessidade e constante construção informacional. Ao aludirmos Freire (1981), lançamos olhar para um outro indivíduo, um indivíduo enquanto um ser histórico que está inserido numa sociedade em permanente movimento de procura e, por consequência, em constante movimento de construção do seu saber, num fazer e refazer constantes.

Se em 1253 um sábio europeu percorria dezenas, centenas de quilômetros a pé ou no lombo de animal por estradas precárias, perigosas, em busca de um manuscrito onde pudesse encontrar respostas para as suas dúvidas, em 2001 um estudante japonês ou brasileiro, frente ao computador, em sua casa e integrado à rede mundial, seria soterrado por mais de 500 bilhões de documentos disponíveis na web (MILANESI, 2002, p. 8).

Saber, este, que deve ser construído com “autonomia”. A autonomia de Freire (1996) se relaciona a um despertar para consciência do permanente estado de formação do indivíduo, de sua eterna condição de inacabamento e a um despertar para a importância e necessidade de suas buscas por conhecimento para sua emancipação e participação ativa no ambiente histórico social em que está inserido. Formação que se dá pelo incentivo ao desenvolvimento da consciência como sujeito histórico-político-social e transformador do seu meio, no incentivo de sua criatividade permanente e de sua constante formação e aprendizado.

[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *forrar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado (FREIRE, 1996, p.12).

O conceito de autonomia freireano expõe que ensinar não se limita em simplesmente transferir o conhecimento e entregar informação ao estudante. Por

aproximação, podemos entender que a autonomia freireana refuta definitivamente a ideia de que o bibliotecário deva simplesmente entregar a informação aos usuários das unidades de informação. Ainda, na perspectiva de Freire (2004), o educador deve criar possibilidades ao aluno para sua própria construção do conhecimento, o que nos permite vislumbrar que o bibliotecário, em seu papel de educador, de prover a seu usuário insumos que vão além da própria informação, municiá-lo de ferramentas para realização de suas próprias buscas e, o mais importante, conscientizá-lo de sua possibilidade e da importância em fazer tais buscas.

Segundo Kira (2017, p. 8), “o princípio da autonomia é como o homem dialogicamente encontra a possibilidade de direcionar o rumo de sua própria história, assumindo para si um caráter crítico”. Tal perspectiva seria, segundo Paulo Freire, a de um progressista, de um profissional que prepararia as pessoas com quem tem contato para transformar a realidade onde está inserido.

Faz-se necessário, neste contexto, uma tomada de consciência da constante mutabilidade das demandas sociais quanto ao acesso à informação no Brasil e no mundo, tendo em mente que a informação é um bem que faz parte da emancipação dos indivíduos e, assim, do desenvolvimento da autonomia do usuário no realizar de suas tarefas informacionais e na construção de seus conhecimentos. Em uma sociedade em que informação é insumo fundamental na formação do sujeito, a atuação do profissional da informação, especificamente do bibliotecário, deve acompanhar a acelerada mutação social e tecnológica do paradigma informacional.

Essa concepção não foi regra nas faculdades de Biblioteconomia e segundo Milanese o profissional, havendo um descompasso entre a profissão e a sociedade, o bibliotecário deixou de ser, por definição, o arquiteto, o gerente da informação ou, simplesmente, o informador e se fixou durante décadas no século XX como classificador e catalogador de livros (MILANESI, 2002. p. 12)

Considerando o bibliotecário como um agente de transformação histórico-político-social, que atua na transformação do meio em que está inserido, por meio da mediação da informação, é importante que existam referências que guiem o bibliotecário quanto ao seu atualizado papel profissional, que aponte

suas motivações e diretrizes, com vistas às atuais demandas sociais em seus mais variados contextos.

No decorrer da minha formação acadêmica como estudante de biblioteconomia, com atuações em diversos espaços – penitenciárias, organizações não governamentais, escolas, secretarias jurídicas, editoras, setores de tratamento da informação, entre outros – notei diversos perfis de profissionais da área da informação, o que, do ponto de vista social e profissional, é extremamente rico. No entanto, na condição de estudante, acredito na força e na importância de uma espécie de manifesto que expresse a potência de transformação histórico-político-social que o profissional bibliotecário pode desempenhar. Uma espécie de manifesto ou uma reunião de ideias convergentes que possam colocar em relevo o papel transformador do bibliotecário enquanto um agente promotor da autonomia informacional.

Diante deste contexto, o *problema de pesquisa* que se apresenta pode ser sintetizado na seguinte questão: é possível vislumbrar a ideia de emancipação informacional a partir do conceito de autonomia de Paulo Freire?

Para buscar respostas a esta questão, foi estabelecido como *objetivo geral* da pesquisa investigar como o conceito de autonomia de Paulo Freire pode contribuir para a concepção de uma emancipação informacional. Alguns *objetivos específicos* foram também definidos: a) identificar os traços característicos do conceito freireano de autonomia; b) mapear os aspectos principais do fazer do bibliotecário, segundo Ortega y Gasset; c) entrelaçar o conceito freireano de autonomia com o fazer do bibliotecário definido por Ortega y Gasset; d) vislumbrar um entendimento sobre emancipação informacional a partir da relação estabelecida entre a autonomia freireana e o fazer do bibliotecário.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa que busca desenvolver uma ‘paisagem’ entre a Biblioteconomia e a Educação a partir, especialmente, do papel educador do bibliotecário como participante do processo de emancipação informacional. As fontes de informação principais analisadas na pesquisa foram as obras “Missão do Bibliotecário”, de José Ortega e Gasset, “Pedagogia da Autonomia” e “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire.

2 A NOÇÃO DE AUTONOMIA FREIREANA

Paulo Freire nos permite compreender que, como a sociedade está em constante mutação, o bibliotecário pode atuar como um agente político inserido no campo da educação e contribuir para a sociedade acompanhar e assimilar suas aceleradas mudanças, proporcionando o acesso a ferramentas para a “leitura de mundo”, leitura essa que para Freire precede qualquer outra, pois se trata da leitura que faz o indivíduo analisar criticamente sua sociedade e o seu estar no mundo.

A leitura de mundo que Freire nos apresenta se dá por interpretação dos símbolos à nossa volta, pelo entendimento dos valores que nos cercam, compreensão de determinada posição social, dos deveres e direitos como pertencentes a tal âmbito social e, das necessidades para se alcançar objetivos e, conseqüentemente, os caminhos para atender suas necessidades. “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1979, p.79).

Os estudos de Freire são um direcionamento para o grande objetivo, o objetivo da emancipação. Para tal realização, Freire propõe como ferramenta o despertar para a consciência crítica e para o desenvolvimento da nossa fundamental e querida *autonomia*.

Para Freire (1980), autonomia se caracteriza pela capacidade do indivíduo se ver como agente ativo na construção de sua história, na transformação do meio em que está inserido, na consciência de ser um ser em constante construção de seu conhecimento, capaz de construí-lo por suas buscas.

Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em estar frente à realidade assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo (FREIRE, 1980 p.27).

Ainda a esse respeito, Freire afirma que é responsabilidade do sujeito desenvolver sua autonomia, se conscientizar historicamente, entender seu contexto e atuação como indivíduo na transformação do meio em que está inserido, a partir do que chamamos de *práxis*, assim será possível que sua identificação e atuação como profissional se dê por completo, no sentido de realização de seu compromisso pessoal e social.

Somente um ser que é capaz de sair do seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformado pela sua própria criação: um ser que é e está sendo no tempo que é seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se (FREIRE, 1983, p.17).

3 O FAZER DO BIBLIOTECÁRIO SEGUNDO ORTEGA Y GASSET

Ortega y Gasset nos fala sobre a inevitabilidade do trabalho, que viver está intimamente conectado com o trabalhar, o trabalho como *práxis*, *práxis* como atividade social transformadora.

Continuando, nos aponta o compromisso com o caráter humano no exercer das profissões, da importância do retribuir à sociedade o que o profissional consumiu de saberes para atingir o posto que se encontra, e tal devolução é um caminhar ao encontro de seu chamado social.

Em *A Missão do Bibliotecário*, Ortega y Gasset (2006) nos apresenta os conceitos de vocação, de profissão, de ofício e de dever no fazer do bibliotecário. Tais conceitos nos despertam e nos convocam para atender aos chamados, de suas missões e de seus papéis, a serem realizados como profissional bibliotecários e como ser humano no servir à sociedade.

O autor nos informa que quando ocorre o enlaçamento entre a missão pessoal como indivíduo e a missão social como profissional, resulta-se uma genuína realização.

A busca por cumprir essa missão vai além do cumprir com uma realização profissional ou individual, é participar de uma missão social, onde a busca por atender as demandas do coletivo é a prioridade, necessidades essas que Ortega y Gasset nos aponta serem migratórias e evolutivas e que convocam ao chamado vocacional de uma era.

Tudo isso nos mostra que, para determinar a missão do bibliotecário, é preciso partir não do homem que a exerce, de seus gostos, curiosidades ou conveniências, tampouco de um ideal abstrato que pretendesse definir de uma vez por todas o que é uma biblioteca, mas da necessidade social a que serve vossa profissão. E esta necessidade, como tudo que é propriamente humano, não consiste em uma magnitude fixa, mas é essencialmente variável, migratória, evolutiva; em suma, histórica (ORTEGA, 2006, p.16).

Também somos advertidos quanto à mudança do perfil do profissional bibliotecário, considerando a transformação dos valores da sociedade atual, notadamente com suas mudanças científicas e tecnológicas, almejando estar apto a atender às atuais necessidades, no direcionamento sobre esse trabalho, essa praxe inerente à vida, estar direcionado ao atendimento à sociedade.

4 ENTRELAÇANDO A AUTONOMIA E O BIBLIOTECÁRIO: para uma emancipação informacional

Emancipação informacional foi um termo que tomei conhecimento no contexto da disciplina de Relações Humanas no decorrer da quinta fase do curso. Em uma atividade da citada disciplina, fui questionado pelo professor sobre qual seria o papel do bibliotecário na sociedade, ocasião em que respondi ser o bibliotecário um *Emancipador Informacional*, um profissional que tem como papel participar no processo de descoberta pessoal do usuário da informação, assim como a função de despertar o incentivo pela busca da informação.

Ao trazer o termo “emancipador informacional”, o professor me indagou sobre onde eu havia encontrado tal termo e se ele já existia ou era utilizado na área da informação. Após realizar buscas em bases de dados científicas, não encontrei nenhum texto que utilizasse o termo emancipador informacional, razão pela qual, acredito se tratar de um termo a ser abordado e, quem sabe, construído.

Como Paulo Freire nos indica sobre nossas eternas buscas e nosso contínuo estado de incompletude como seres em constante construção, me surgiu a possibilidade de o bibliotecário ser essa ponte, um emancipador informacional. Alguém que por meio de suas diversas práticas profissionais,

como ações culturais, incentivo à leitura, desenvolvimento de ambientes instigantes para pesquisa do conhecimento ou facilitação de acesso à informação, seja capaz de proporcionar, tanto através do tratamento técnico da informação, quanto do serviço de referência, o despertar da curiosidade na instrução ao usuário da informação.

Lançando o olhar sobre o termo “emancipação informacional”, temos, primeiramente, a emancipação em si mesma. Ao utilizar tal termo, a primeira referência que nos vem e a figura de Paulo Freire, que expõem a emancipação como a capacidade do sujeito lutar contra o processo de “desumanização”. Processo, este, em que não nos enxergamos como seres históricos participantes e transformadores do ambiente em que estamos inseridos e capazes de nos vermos como responsáveis e conscientes de nossa própria formação, que, segundo Freire, seria possível por meio de nossas infundáveis buscas, dando surgimento à consciência crítica do indivíduo como um ser político histórico, um agente ativo do processo educativo e “informacional”.

A emancipação informacional pode se manifestar no campo da Biblioteconomia, a nosso ver, e minimamente, em três momentos: 1) na tomada de consciência a respeito da importância e da necessidade de construção de suas próprias buscas informacionais, convergindo com sua identificação enquanto sujeito histórico-político-social e capaz de realizar as mudanças que julgar importante; 2) na possibilidade de realizar tais buscas, através de suas pesquisas em ambientes informacionais, tendo em conta os horizontes que se cruzam pelo processo que tem por principal pilar a educação e; 3) como consequência dos outros dois momentos, a práxis, o fazer, a transformação do indivíduo e do ambiente como resultado da reflexão crítica de um sujeito histórico-político-social (realizar a busca com a intenção de transformação).

Em síntese, visualizamos a possibilidade de a emancipação informacional ocorrer no meio biblioteconômico por meio da conscientização de que as buscas por informações devem emanar do próprio usuário que, sabedor de sua condição de sujeito histórico-político-social, realizará suas buscas guiadas por seus desejos transformadores. E como poderia o bibliotecário ajudar neste processo? Esboçaremos nossa proposta recorrendo ao fenômeno chamado informação.

Na Biblioteconomia atual, notadamente influenciada pela chamada Ciência da Informação, é frequente a aderência à ideia de que a informação pode ser compreendida sob diferentes aspectos, os quais, destacaremos somente aqueles definidos por Buckland (1991). Segundo este autor, a informação pode ser abordada de três formas: a) enquanto um “processo” (ato ou ação de informar), b) enquanto “conhecimento” (algo que atualiza o campo cognitivo do sujeito) e c) enquanto “coisa” (o conhecimento materializado e socializado em algum suporte informacional). A informação enquanto “processo” (informar) e enquanto “conhecimento” (cognição) são intangíveis e, segundo Buckland (1991), demandam a materialidade da informação como “coisa” para as mediarem. A Biblioteconomia lida, em grande medida (porém, não exclusivamente), com informações passíveis de serem armazenadas, tratadas e recuperadas para uso, fato que pressupõe algum tipo de materialidade para sua realização. Associando estes aspectos do fenômeno informação aos aspectos levantados como possibilitadores da emancipação informacional, podemos ensaiar um cenário em que o profissional bibliotecário tem grande potencial para ajudar.

O bibliotecário lida com a informação como coisa (informação registrada) por meio das atividades de produção, organização e recuperação da informação, ao mesmo tempo que lida com a informação como processo (ato de informar) por meio das atividades de acessibilidade, disseminação e uso da informação. O sucesso nas atividades que lidam com a informação enquanto coisa (produção, organização e recuperação) e enquanto processo (acessibilidade, disseminação e uso) viabiliza a realização da informação enquanto “conhecimento” adquirido pelo usuário.

Nesse sentido, defendemos a ideia de que se todas as atividades desempenhadas pelo bibliotecário, citadas acima, forem guiadas pela noção de autonomia freireana (consciência, realização e transformação pelo sujeito) estaremos muito próximos da concretização da emancipação informacional no ambiente biblioteconômico. Em outras palavras, para a realização da emancipação do usuário da informação é necessário antes lidar com a conscientização do profissional da informação, que deve, por sua vez, e também,

agir de modo a viabilizar tal emancipação. Os processos técnicos devem ser aliados deste desejo emancipatório, e nunca empecilhos.

No ambiente informacional da atuação do profissional bibliotecário, a autonomia se expressa por duas vias que vão ao encontro uma da outra, a primeira, a do próprio usuário na procura de suas informações e, a segunda, a do bibliotecário em preparar o caminho para a informação encontrar com seu usuário.

A ponte que nos liga a essas duas margens é o bibliotecário. O bibliotecário como célula catalisadora do processo, processo de despertar da autonomia e emancipação do usuário no fazer de suas buscas. O profissional em consonância com as atuais necessidades da era que está inserido, deve ter como prisma a possibilidade de que o usuário descortine suas necessidades informacionais, emancipá-lo para que realize suas próprias buscas, e o poder construtivo que tem ao realizá-las.

Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens. Não posso, por isso mesmo, burocratizar meu compromisso de profissional, servindo, numa inversão dolosa de valores, mais aos meios que ao fim do homem (FREIRE, 1986, p.20).

A importância da consciência crítica apontada por Freire em seu conceito de autonomia é para atuação e transformação do sujeito e do ambiente, numa eterna busca pela emancipação e desligamento do temerário processo de desumanização. Tem-se por auxílio nesse processo, o bibliotecário como uma ponte para a emancipação informacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do bibliotecário é fundamental no processo pedagógico da emancipação e no desenvolvimento da autonomia na sociedade, no seu fazer pela descoberta do grande infinito informacional para atender a necessidade de uma era, em que podemos enxergar o bibliotecário como um educador, como

alguém que auxilia com ferramentas, suporte e instruções a sociedade em suas infinitas buscas.

no exercício do papel de mediador, o bibliotecário deve garantir a cidadania, assegurar os direitos de acesso à informação e à educação para os indivíduos, oferecer aos leitores, se não o conhecimento, pelo menos as técnicas, instrumentos que proporciona dignidade e sobrevivência em uma sociedade competitiva (CARVALHO, 2007).

Diversas práticas podem ser desenvolvidas pelo bibliotecário com o objetivo de despertar para a importância de se realizar buscas por respostas de tantos porquês. Práticas como a de indicações de obras, de organização de espaços informacionais de forma intuitiva, de distribuição de livros em ambientes de baixo acesso informacional e da mágica prática de contação de histórias, associadas às tradicionais práticas técnicas, podem juntas trabalhar rumo ao grande processo de emancipação, descobrimento e libertação.

Referências

CARVALHO, Kátia de, and Marivaldina Bulcão REIS. "Missão do bibliotecário: a visão de José Ortega y Gasset." *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* 3.2 (2007): 34-42.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRILLÓN, Silvia. O direito de ler e de escrever. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011. 103 p.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 143 p.

FREIRE, Paulo, Paulo Freire – A Importância do ato de Ler. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

FREIRE, P. Educação e mudança. Coleção Educação e mudança vol.1.9ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 1980.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KIRA, Luci Frare; MEDEIROS, Marcelo Lopes de; SANTOS, Jeanderson Silva dos. PAULO FREIRE E A AUTONOMIA COMO EMANCIPAÇÃO DO HOMEM. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO - SIRSSE, 4., 2017, Curitiba. **Seminário**. Curitiba: Educere, 2017. p. 1-8. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24887_13499.pdf. Acesso em: 31 jul. 2020.

ALCANTARA, Edilmar. O BIBLIOTECÁRIO E A EDUCAÇÃO: nossa profissão está majoritariamente ligada à pedagogia. **Bíblioo**: cultura informacional, Rio de Janeiro, v. 2, n. 8, p. 1-2, 19 jun. 2013. Disponível em: <https://biblioo.cartacapital.com.br/o-bibliotecario-e-a-educacao/>. Acesso em: 31 jul. 2020.

MILANESI, Luis. A formação do informador. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 7-40, jul. 2002. ISSN 1981-8920. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1694/1445>. Acesso em: 12 dez. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2002v7n1p7>.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2006. 82 p. ISBN 9788585637316.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1993. 115p ISBN 8530801237

SILVA, Edvaneide Barbosa da. Educação como prática da liberdade. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 180-186, Aug. 2000. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000200016&lng=en&nrm=iso. access on 31 July 2020.